EDITORA
UnB

EDUCAÇÃO INFANTIL EM DIÁLOGO

Pesquisas e olhares a partir dos estudos sociais da infância

Etienne Baldez
Monique Aparecida Voltarelli
(org.)

Pesquisa, Inovação & Ousadia

Universidade de Brasília

Reitora Rozana Reigota Naves
Vice-Reitor Márcio Muniz de Farias

EDITORA
UnB

Conselho editorial
Germana Henriques Pereira (Presidente)
Ana Flávia Magalhães Pinto
Andrey Rosenthal Schlee
César Lignelli
Fernando César Lima Leite
Gabriela Neves Delgado
Guilherme Sales Soares de Azevedo Melo
Liliane de Almeida Maia
Mônica Celeida Rabelo Nogueira
Roberto Brandão Cavalcanti
Sely Maria de Souza Costa

EDITORA
UnB

Educação infantil em diálogo

Pesquisas e olhares a partir dos estudos sociais da infância

Etienne Baldez
Monique Aparecida Voltarelli
(org.)

Pesquisa, Inovação & Ousadia

Equipe do projeto de extensão – Oficina de edição de obras digitais

Coordenação geral	Thiago Affonso Silva de Almeida
Consultora de produção editorial	Percio Savio Romualdo Da Silva
Coordenação de revisão	Denise Pimenta de Oliveira
Coordenação de design	Cláudia Barbosa Dias
Revisão	Caio Martins Lopes
Diagramação	Beatriz Parente Barreto de Abreu
Foto de capa	Tatiana Syrikova via Pexels.com

© 2023 Editora Universidade de Brasília

Direitos exclusivos para esta edição:
Editora Universidade de Brasília
Centro de Vivência, Bloco A - 2ª etapa, 1º andar
Campus Darcy Ribeiro, Asa Norte, Brasília/DF
CEP: 70910-900
Site: www.editora.unb.br
E-mail: contatoeditora@unb.br

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta publicação poderá ser armazenada ou reproduzida por qualquer meio sem a autorização por escrito da Editora.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Biblioteca Central da Universidade de Brasília – BCE/UnB)

E24 Educação infantil em diálogo [recurso eletrônico] : pesquisas e olhares a partir dos estudos sociais da infância / Etienne Baldez, Monique Aparecida Voltarelli, organizadoras. – Brasília : Editora Universidade de Brasília, 2025.
227 p. – (Série Pesquisa, Inovação & Ousadia).

Formato PDF.
ISBN 978-65-5846-248-4.

1. Educação infantil - Aspectos sociais. 2. Práticas de ensino. I. Barbosa, Etienne Baldez Louzada (org.). II. Voltarelli, Monique Aparecida (org.). III. Título. IV. Série.

CDU 373

Fernanda Cordeiro de Carvalho – Bibliotecária – CRB 1/2339

Pensar as crianças no tempo presente tem sido um desafio, e requer cada vez mais perguntar "quais lugares que as crianças têm ocupado na sociedade, em especial dentro das instituições de educação infantil?", no intuito de pôr em pauta a forma como travamos relações e como construímos práticas educativas com as crianças. Desse modo, dedicamos esta obra a todos profissionais, estudiosos/as, pesquisadores/as da infância, que, assim como nós, têm se preocupado em construir percepções amplas sobre a infância, trocando lentes e olhares anteriores por indagações, incômodos e buscas constantes de aperfeiçoamento nas formas como educamos as nossas crianças.

Dedicamos, em especial, às crianças, que nos ensinam diariamente a nos reinventar, a resistir, a sermos singulares e resgatar nossas potências, nossa ludicidade e nossa esperança por dias melhores, sempre. A todas as crianças que nos inspiram a caminhar e a seguir investindo esforços investigativos para compreendê-las, conhecê-las e aprender com elas formas outras de ver o mundo. Tudo que aqui foi analisado, estudado e refletido não faria sentido se não fosse por elas.

Agradecimentos

A organização e escrita de um livro é resultado de relações que estabelecemos com diversos cenários sociais em que estamos inseridas, com os nossos pares, com o meio acadêmico e com tantas pessoas, espaços, leituras e experiências que configuram nossas trajetórias e vão tecendo construções que carregam nossas compreensões e lutas. Nesse sentido, agradecemos imensamente e carinhosamente a cada autor e autora desta obra, que não mediram esforços para que pudéssemos compor esses diálogos sobre a infância, e que resultam, ainda, de relações que nós organizadoras tivemos a oportunidade de construir nos nossos últimos anos de atuação profissional e por meio das nossas trajetórias de pesquisa.

Propor e concretizar a publicação de um livro é por nós visto e compreendido como um momento de celebração, em forma de abertura e também ponto de partida para revistarmos saberes, para a construção de outros e para seguir investigando. Assim como as crianças, desde o nascimento, nos inspiram para a possibilidade do novo, que possamos por meio desta obra transitar entre as palavras, tropeçar nas construções propostas, brincar com as ideias, desconstruir e construir percepções e, principalmente, compartilhar engajamentos que vislumbrem a efetivação dos direitos das crianças a viverem suas infâncias plurais.

Agradecemos também a todos que nos acompanharam nesse processo, que acreditaram nos possíveis e que inventam conosco outras formas de compreender as práticas educativas com as crianças.

Aos leitores, somos gratas pela confiança no nosso trabalho e os convidamos ao mergulho no conhecimento sobre os estudos da infância a serem explorados nas próximas páginas.

“Que nenhuma opinião seja uma convicção absoluta, imutável.
Que o dia de hoje seja sempre feito da soma das experiências de ontem,
enriquecidas das experiências de amanhã… Somente com essa condição
nosso trabalho nunca será monótono nem sem esperança.”
Janusz Korczak

Sumário

Prefácio 15

Apresentação 17

A educação infantil em pauta: perspectivas e diálogos

Interseccionalidade na área da educação infantil: conceito e ferramenta analítica para o desvelamento sobre infância(s) e as crianças 29
Ana Caroline Irineu
Catarina Moro

A organização do currículo da educação infantil em campos de experiência: o protagonismo das crianças em evidência 39
Rafaelli Norberto Grégio
Giane Lucelia Grotti

Quando o santo de casa não faz milagres: como melhorar a implementação de políticas educacionais a partir do envolvimento dos atores? 47
Cristiano Rogério Alcântara
Gabriela Spanghero Lotta

Saberes da infância e a formação dos profissionais da educação 57
Marcia Cristina Argenti

A especificidade da educação infantil referenciada pela coordenação pedagógica (Brasília, 2020-2022) 67
Débora de Souza Santos
Etienne Baldez

A dimensão moral da avaliação: estereótipos de gênero no contexto da educação infantil **79**
Viviane Fernandes Faria Pinto

Educação infantil e famílias no cenário da revisão de literatura 89
Nazareth Salutto
Maria Alice Barbosa dos Santos

O que dizem os materiais pedagógicos sobre avaliação? 99
Gabriela Scramingnon
Maria Fernanda Rezende Nunes
Marina Castro e Souza

Entre os desafios da proposição, o relato das práticas docentes com projetos na educação infantil (Brasília, 2022-2023) 113
Ligia Almeida Teixeira
Etienne Baldez

Estudos sociais da infância: olhares para a pesquisa para, com e sobre as crianças

Pressupostos teóricos da sociologia da infância nas pesquisas brasileiras 125
Lucas Ramos Martins
Ademilson de Sousa Soares

“De olho na fresta”: encontros da educação infantil com os estudos da infância **135**
Aline Buy dos Santos
Lisandra Ogg Gomes

Gênero e infância: em quais práticas sociais os meninos estão se engajando? **145**
Danielle Atta
Monique Aparecida Voltarelli

Interseccionalidades entre infância, gênero e raça na sociologia da infância brasileira **157**
Andrea Braga Moruzzi
Mayra Silva dos Santos
Vanessa Medianeira da Silva Flôres

Geografia e educação infantil: as crianças e suas relações espaço-temporais **169**
Ana Paula Batista Pina dos Santos
Maria Lídia Bueno Fernandes

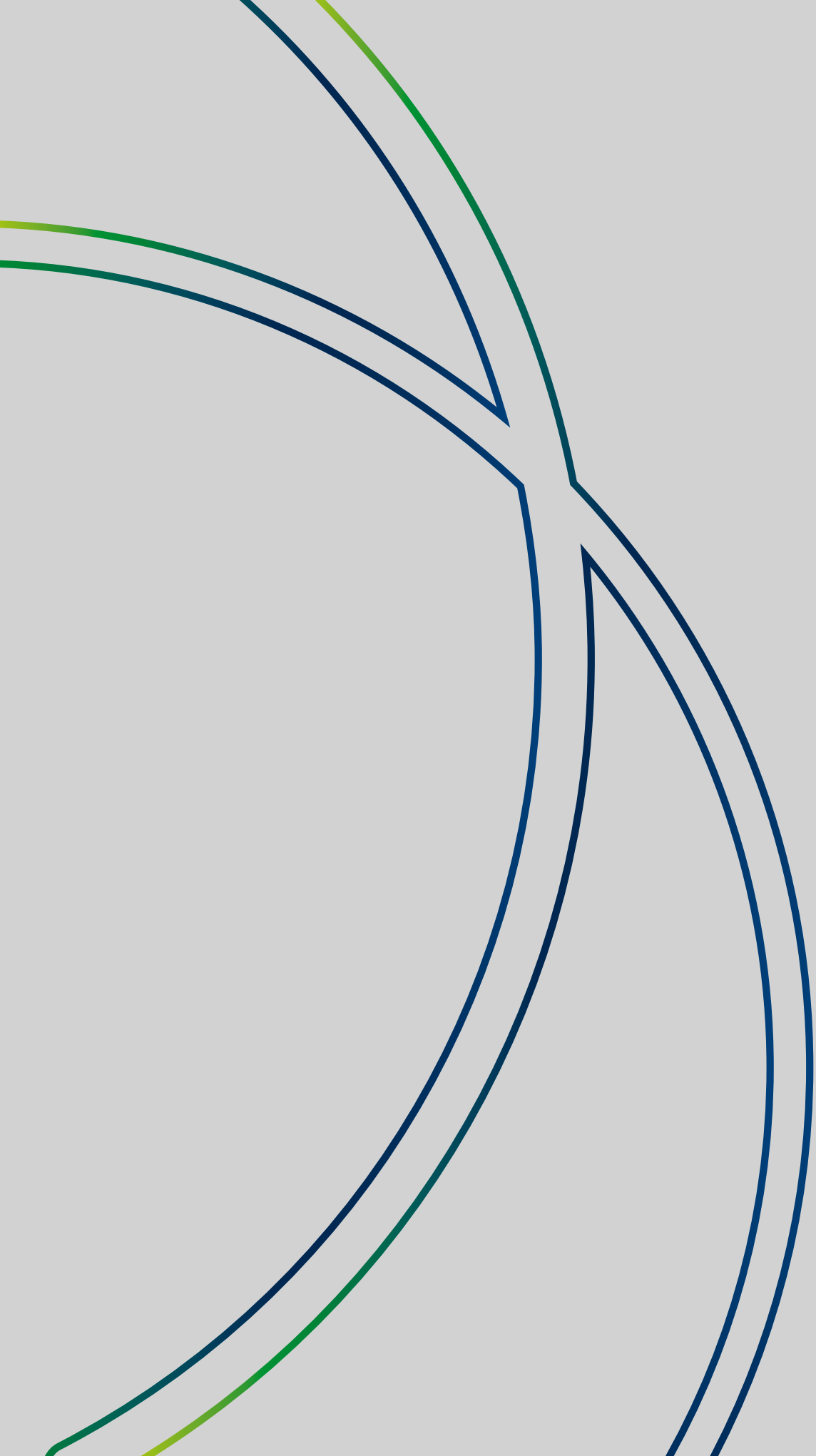
A infância brasileira em um cenário pandêmico **179**
Lara Batomarco Nobre
Laura Brisolara de Albuquerque
Monique Aparecida Voltarelli

Metodologias de pesquisa com crianças: uma experiência na cidade de Brasília **191**
Rhaisa Naiade Pael Farias
Ingrid Dittrich Wiggers

Estudos sociais da infância e migrações internacionais: análise das produções acadêmicas brasileiras do período de 2013-2023 **201**
Flávio Santiago
Taís Aparecida de Moura

Reflexões finais 213

Sobre os autores 217



A educação infantil em pauta: perspectivas e diálogos

A organização do currículo da educação infantil em campos de experiência: o protagonismo das crianças em evidência

Rafaelli Norberto Grégio
Giane Lucelia Grotti

O presente capítulo tem como objetivo compreender a organização curricular da educação infantil por meio dos campos de experiência, estrutura em que se propõe oportunizar o protagonismo da criança dentro de um currículo flexível, pensado e praticado para a primeira infância.

A priori, o termo campos de experiência surgiu em 1991, sucedido das orientações para as escolas da infância do norte da Itália, na província de Reggio Emilia, resultante de uma construção coletiva com autoridades, escolas da infância e demais serviços educacionais e de apoio. Em decorrência dos resultados positivos, as orientações para o currículo da pedagogia italiana para a educação infantil vêm sendo reformuladas e repensadas ao longo das últimas décadas por vários países.

A definição e a denominação sobre experiências como fator preponderante no currículo da educação infantil estão fundamentadas no que dispõem as *Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (DCNEI)* em relação aos saberes e aos conhecimentos fundamentais a serem propiciados às crianças, associados às suas experiências.

O propósito das *DCNEI* (Brasil, 2009) é orientar as propostas pedagógicas, destacando a importância de respeitar as crianças nas suas especificidades, com suas diferentes linguagens. A partir desse contexto, a construção da ação pedagógica por meio dos campos de experiência promove um currículo no qual a criança produz o conhecimento na exploração de objetos com liberdade, curiosidade e muito diálogo.

A partir dessas diretrizes, a *Base Nacional Comum Curricular* (*BNCC*), em sua seção sobre a educação infantil, explicita os campos de experiência da seguinte forma: “constituem como um arranjo curricular que acolhe as situações e as experiências concretas da

vida cotidiana das crianças e seus saberes, entrelaçando-os aos conhecimentos que fazem parte do patrimônio cultural" (Brasil, 2017, p. 40).

Segundo Fochi (2015, p. 221), "a organização de um currículo por campos de experiência consiste em colocar no centro do projeto educativo o fazer e o agir das crianças". Sendo assim, o trabalho a partir dos campos de experiência constitui um espaço de escuta, direcionado às experiências das crianças, de modo que seja construído um projeto que tenha a identidade delas, originado daquilo que a criança está tocando, olhando e narrando, à medida que vai experienciando o mundo.

Em vista disso, as instituições de educação infantil necessitam oportunizar às crianças caminhos que levem ao desenvolvimento da autonomia, à participação de decisões, à manifestação de sentimentos e ao favorecimento de mais segurança em suas atitudes. Nesse sentido, concretizar a identidade das crianças é deixá-las experimentar as dimensões do eu, conhecer o próprio corpo, sentir-se seguras no ambiente a que pertencem, explorar vários papéis e linguagens e participar ativamente das práticas pedagógicas. Acerca disso, Agostinho (2014) chama atenção para a importância de as crianças exercitarem sua autonomia e expressarem seu ponto de vista, sendo um importante princípio a ser considerado na execução de todas as atividades.

Para que isso ocorra, o conjunto de práticas deve demonstrar uma interação com as crianças por meio físico e social, e o papel docente nessa fase é de mediar e indagar a criança sobre suas experiências individuais ou dentro de um grupo. Portanto, o currículo não pode ser pensado de forma compartimentada, mas como um conjunto de experiências que precisam ser pensadas de maneira que sejam consideradas equânimes.

Conforme apontam Barbosa *et al.* (2016), é imprescindível refletir e contemplar o protagonismo da criança como centro do planejamento curricular, pois ela é um sujeito de direitos e constrói sua identidade pessoal e coletiva a partir de suas vivências. Ademais, o currículo precisa garantir a igualdade de oportunidades educacionais entre as crianças de diferentes classes sociais, de modo a oportunizar que vivenciem a democracia, a ludicidade, a sociabilidade e a sustentabilidade do planeta. Outrossim, Agostinho (2014) traz um debate sobre a importância de ouvir as vozes da criança dentro de um contexto profundo sobre a participação delas como atores sociais:

> A construção e a consolidação do espaço público de educação democrático e justo necessitam da participação das crianças pequenas. Ouvir as vozes das crianças – como se consagrou chamar nas discussões sobre este tema – é colocar em prática a construção de uma sociedade de armação de direitos sociais, em contraposição à exclusão social, contando com o contributo geracional para pensar uma educação inclusiva e que comporte as singularidades dos sujeitos que dela participam (Agostinho, 2014, p. 1129).

A referida autora conjectura que para haver a participação da criança no contexto educativo é preciso reconhecer que esse tema é complexo e necessita de um aprofundamento, tendo

consciência de que ele não se esgota. A autora ainda destaca que as crianças, como sujeitos de direitos de uma cidadania vivida, expressam-se por diferentes meios de comunicação:

> Temos de estar atentos aos modos como as crianças se exprimem, considerando todas as formas comunicacionais que utilizam para fazê-lo. O ponto de vista das crianças deve ser levado em conta, permitindo influenciar as decisões nos assuntos que as afetam, em um exercício de poder de decisão compartilhado intergeracionalmente, em que adultos e crianças vivem sua cidadania (Agostinho, 2014, p. 1139).

Conforme as crianças vão se comunicando com o mundo que as cercam, elas começam a estabelecer um importante papel para o seu protagonismo. Nesse sentido, a escuta desempenha o processo de vivências, sendo, portanto, a chave para que as professoras e os professores reflitam a organização curricular para a educação infantil.

Rinaldi (2016) faz uma pergunta-chave para uma análise expressiva sobre a construção do currículo pensado na escuta e na busca por significados entre as aprendizagens individuais e em grupo, qual seja: "como podemos ajudar as crianças a encontrar significado no que fazem, no que encontram e no que vivenciam?" (Rinaldi, 2016, p. 235).

Ainda segundo a referida autora, "a escuta exige a suspensão de julgamentos e preconceitos" (Rinaldi, 2016, p. 237). Assim, se nos basearmos em preconceito, seremos péssimos ouvintes, pois escutar as crianças é uma forma de observar as diferenças enquanto possibilidades e não como separação e segregação. Desse modo, a partir das reflexões, as professoras e os professores poderão auxiliar as crianças, contemplar a especificidade da infância, os interesses individuais e coletivos.

As instituições de educação infantil precisam centrar a construção do currículo no desenvolvimento da criança, contemplando a diversidade cultural, social e étnico-racial, oportunizando experiências em que as crianças percebam o quão diverso é o mundo. Inclusive, a participação da família nesse ambiente é fundamental para que a aprendizagem aconteça, pois o contexto familiar tem influência forte e direta no desenvolvimento afetivo e cognitivo da criança. Posto isso, o currículo precisa favorecer a participação da família no cotidiano das instituições de educação infantil, construindo uma relação de confiança e novas parcerias com toda a comunidade escolar.

Nesse sentido, o currículo da educação infantil pautado nos campos de experiência, em conformidade com o que dizem Bondioli e Mantovani (1998, *apud* Fochi, 2015), privilegia três princípios considerados importantes para sua construção. São eles: a ludicidade, a continuidade e a significatividade das experiências.

O primeiro princípio, a ludicidade, é a forma como as crianças descobrem e constroem os sentidos e o exercício criador. O segundo, a continuidade, favorece e garante o crescimento e a qualidade das experiências das crianças. O terceiro princípio, a significatividade das experiências, abrange a produção de significados pessoais, vivenciada na atividade lúdica, na continuidade da atividade e no significado como experiência do sujeito.

Assim, é possível construir o conhecimento com as crianças a partir de um currículo elaborado e organizado por campos de experiência para a educação infantil. Porém, essa organização dependerá da estrutura da escola, de materiais pedagógicos, de formação continuada para os profissionais que trabalham nas instituições e das abordagens referentes ao protagonismo da criança nas práticas pedagógicas.

Com efeito, o envolvimento da criança nas práticas sociais da educação infantil se constitui na maneira de compreender a prática pedagógica e apropriar-se de significados. Quando não é permitido à criança protagonizar o seu processo de aprendizagem, a instituição de educação infantil invalida o conhecimento e o currículo vivenciado pelas crianças e tende a uma desaprovação do real significado e sentido desta etapa da educação.

Perante o exposto, compreender o currículo para a educação infantil envolve entender o desenvolvimento da infância, com conhecimentos alinhados às interações e às relações da prática educativa intencional, de forma que as crianças participem de experiências concretas vividas no cotidiano.

Além disso, a mediação dos adultos assume uma posição de orientação entre a criança e as suas experiências, promovendo estímulos interessantes para a participação ativa delas, reconhecendo a imersão nas práticas sociais, culturais e pedagógicas, acolhendo e atendendo às necessidades e às suas particularidades.

Na educação infantil, os campos de experiência podem, e legalmente devem, ser contemplados no planejamento de atividades que partam dos interesses das crianças. Nesse sentido, Finco (2015) analisa que:

> É necessário questionarmos o formato do currículo escolar para as crianças pequenas organizado por disciplinas, muitas vezes trazido como modelo para a educação infantil, para que possamos pensar novas formas de lidar com os saberes, com os tempos e com os espaços escolares específicos da educação infantil (Finco, 2015, p. 233-234).

Decerto, o currículo da educação infantil precisa ser construído junto com as crianças, de forma que possam participar do processo e viver plenamente em contato com o que lhes diz respeito. Nesse prisma, é importante que os tempos e espaços sejam pensados com o intuito de permitir a imersão de vivências, que promovam a aprendizagem com interações e brincadeiras, mudando o foco do currículo do contexto do adulto para o contexto das crianças.

Diante disso, a educação infantil deve se constituir em momentos e espaços de vivências significativas, adequadas às crianças, que lhes possibilitem se desenvolver em todas as dimensões, aprimorar o repertório cultural, relacionar-se com o outro e com a sociedade, ampliando a compreensão de mundo e estruturando-se qualitativamente e equilibradamente como pessoa e cidadã.

Nessa etapa da educação básica, a intencionalidade e os objetivos propostos pelos educadores devem estar bem explícitos, para que a criança possa viver situações sociais

e pedagógicas significativas. Nesse sentido, Oliveira (2010) defende a importância das experiências na construção do conhecimento das crianças:

> Assim, as experiências vividas no espaço de educação infantil devem possibilitar o encontro de explicações pela criança sobre o que ocorre à sua volta e consigo mesma enquanto desenvolvem formas de sentir, pensar e solucionar problemas. Nesse processo, é preciso considerar que as crianças necessitam envolver-se com diferentes linguagens e valorizar o lúdico, as brincadeiras, as culturas infantis (Oliveira, 2010, p. 5).

Como podemos perceber, as instituições devem oferecer condições para que as crianças se apropriem de várias aprendizagens. A intenção educativa requer muita atenção, para que haja equilíbrio entre as mudanças introduzidas, garantindo integração dos processos de aprendizagens, bem como estabelecimento de estratégias para auxiliar, também, os docentes. Para garantir esse processo, as propostas curriculares devem subsidiar um conjunto de orientações essenciais para as aprendizagens, promovendo a equidade e a qualidade nas ações que forem pensadas/executadas.

Assim como já apontado por Kramer (1997), o currículo é, portanto, um campo de mediações, interações, direitos, relações, experimentação, questionamentos e práticas cotidianas:

> Um novo currículo é um convite, um desafio, uma aposta. Uma aposta porque, sendo parte de uma dada política pública, contém um projeto político da sociedade e um conceito de cidadania, de educação e de cultura. Portanto, não pode trazer respostas prontas apenas para serem implementadas, se tem em mira contribuir para a construção de uma sociedade democrática, onde a justiça social seja de fato um bem distribuído igualitariamente a toda coletividade (Kramer, 1997, p. 21).

Destarte, o currículo configura-se em um instrumento basilar, concebido de forma dinâmica e intencional, estabelecendo etapas a percorrer, mas necessitando ser atualizado pela ação de todos os envolvidos na equipe pedagógica. Para além disso, o currículo para educação infantil precisa oportunizar experiências às crianças, para que elas desenvolvam as suas aprendizagens cotidianas de forma autônoma.

Dentro desta perspectiva, devemos garantir que as crianças explorem as experiências vividas, rompendo a ideia de que elas são dependentes e, desta forma, abandonar uma ação pedagógica voltada para instruções, para materiais didáticos e para a rigidez de um currículo centrado na fragmentação e que descuida do que é mais importante nesse processo de aprendizagem: a experiência infantil.

Acerca disso, Oliveira (2010) afirma que a criança deve ser o centro do planejamento curricular, pois se trata de um sujeito histórico e detentor de direitos que percorre um longo caminho para compreender o mundo e a si mesma nos diversos aspectos de sua vida, como os afetivos, os cognitivos, os motores e os sociais.

Kramer (2020), por sua vez, avalia que o bom caminho para compreender o que as crianças têm a dizer é observando-as e escutando-as. Para a autora, a criança é um ser social desde o nascimento e que vai amadurecendo e se constituindo como tal até perceber-se como pessoa. Logo, são essas as percepções que precisam estar presentes no currículo da educação infantil e impactar o desenvolvimento da criança, a partir das relações sociais que são organizadas na perspectiva de um movimento de investigação que as crianças realizam desde suas primeiras ações no mundo, compondo, assim, o percurso curricular da sua história de vida (Barbosa; Richter, 2015).

As autoras referidas asseveram, ainda, que não é a idade da criança que determinará o que será apreendido, mas sim o percurso histórico da sua experiência no mundo e com o mundo que compreenderão as diferentes facetas da vida em sociedade. Assim, a organização curricular por campos de experiência indica o modo como conceber a organização das aprendizagens vinculadas às experiências das crianças, algo que é novo para nossa realidade educacional, visto que os campos de experiência são apenas uma parte da organização de um currículo.

Nesse sentido, é preciso pensar na formação daqueles profissionais que irão atuar na educação infantil e na estrutura que a escola oferecerá para que as experiências aconteçam de forma a assegurar as condições de aprendizagens. De tal modo, a *BNCC* conceitua o que se denomina campos de experiência como um arranjo curricular que acolhe as situações e as experiências concretas da vida cotidiana das crianças e seus saberes, entrelaçando-os aos conhecimentos que fazem parte do patrimônio cultural (Brasil, 2017, p. 40).

Dessa maneira, os campos de experiência não são um conjunto de conteúdos, mas também podem ser definidos como conhecimentos essenciais para todas as crianças. Logo, podemos compreender que o desafio dos campos de experiência seja entender a experiência como uma relação ora coletiva, ora individualizada, construída para que o desenvolvimento da configuração curricular não fique como uma estrutura curricular engessada em disciplinas. Pandini-Simiano e Buss-Simão (2016) levantam uma questão sobre a organização curricular por campos de experiência:

> O grande desafio que se coloca nesse modo de organização curricular é romper com a forma escolar de currículo organizado por disciplinas e áreas de conhecimentos, que tem [*sic*] sido os "modelos" incorporados e instituídos na creche e na pré-escola. Propor a organização em campos de experiência como forma privilegiada de viver a infância e rica possibilidade de as crianças elaborarem sentidos e significados sobre o mundo social e cultural (Pandini-Simiano; Buss-Simão, 2016, p. 82).

Nesse contexto, não devemos solicitar que as crianças da educação infantil adquiram os conhecimentos da mesma forma que as crianças que estão no ensino fundamental, tendo em vista que a referência de aprendizagem para as crianças pequenas se faz necessária por meio da conexão das experiências às necessidades de aprendizagens.

Isto é, as experiências no percurso curricular da educação infantil necessitam do indicativo da ação e da exploração contextualizada no espaço no qual a criança sinta-se acolhida. Pandini-Simiano e Buss-Simão (2016) avaliam que o ato de observar e valorizar amplia sentidos dentro de uma narrativa para sustentar contextos materiais e relacionais, cuidando da organização do tempo e do espaço, da seleção de materiais, de trabalhos coletivos e individuais. Essas compreensões apoiam a organização curricular das instituições de educação infantil centrada na criança como sujeito de direito.

Entendemos, portanto, que a organização do currículo da educação infantil em campos de experiência proporciona o protagonismo das crianças. No entanto, é necessária uma profunda compreensão do que ele, efetivamente, indica, no sentido de sua efetivação.

Referências

AGOSTINHO, K. A. A complexidade da participação das crianças na educação infantil. *Perspectiva*, v. 32, n. 3, p. 1127-1143, 2014. Disponível em: https://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/view/2175-795X.2014v32n3p1127/29922. Acesso em: 8 mar. 2024.

BARBOSA, M. C. S.; CRUZ, S. H. V.; FOCHI, P. S.; OLIVEIRA, Z. M. R. E o que é básico na base nacional comum curricular para educação infantil?. *Debates em Educação*, v. 8, n. 16, p. 11-28, 2016. Disponível em: https://www.seer.ufal.br/index.php/debateseducacao/article/view/2492/2131. Acesso em: 8 mar. 2024.

BARBOSA, M. C. S.; RICHTER, S. R. S. Campos de experiência: uma possibilidade para interrogar o currículo. *In:* FINCO, D.; BARBOSA, M. C. S.; FARIA, A. L. G. (org.). *Campos de Experiências na escola da infância: contribuições italianas para inventar um currículo de educação infantil brasileiro*. Campinas: Edições Leitura Crítica, 2015.

BRASIL. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília: Ministério da Educação, 2017. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/relatorios-e-pareceres. Acesso em: 03 out. 2020.

BRASIL. *Resolução CNE/CEB nº 5, de 2009*. Institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: Ministério da Educação, 2009.

BONDIOLI, A.; MANTOVANI, S. (org.). *Manual de Educação Infantil – de 0 a 3 anos*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

CAMPOS, R.; BARBOSA, M. C. S. BNC e Educação Infantil: Quais as possibilidades?. *Retratos da Escola*, v. 9, n. 17, p. 353-366, 2015. Disponível em: https://retratosdaescola.emnuvens.com.br/rde/article/view/585. Acesso em: 8 mar. 2024.

FINCO, D.; BARBOSA, M. C. S.; FARIA, A. L. G. (org.). *Campos de Experiências na escola da infância: contribuições italianas para inventar um currículo de educação infantil brasileiro*. Campinas: Edições Leitura Crítica, 2015.

FOCHI, P. S. Ludicidade, continuidade e significatividade nos campos de experiência. *In*: FINCO, D.; BARBOSA, M. C. S.; FARIA, A. L. G. (org.). *Campos de Experiências na escola da infância: contribuições italianas para inventar um currículo de educação infantil brasileiro*. Campinas: Edições Leitura Crítica, 2015.

KRAMER, S. Propostas pedagógicas ou curriculares: subsídios para uma leitura crítica. *Educação e Sociedade*, v. 18, n. 60, 1997. Disponível em: https://www.scielo.br/j/es/a/pW5Psf8rbv9fvxPNbR3LF9K/. Acesso em: 8 mar. 2024.

OLIVEIRA, Z. M. R. O currículo na educação infantil: o que propõem as novas diretrizes nacionais. *In: Anais do I Seminário Nacional: currículo em movimento – Perspectivas Atuais*. Belo Horizonte, 2010.

PANDINI-SIMIANO, L.; BUSS-SIMÃO, M. Base Nacional Comum Curricular para Educação Infantil: entre desafios e possibilidades dos campos de experiência educativa. *EccoS*, n. 41, p. 77-90, 2016. Disponível em: https://periodicos.uninove.br/eccos/article/viewFile/6799/3422. Acesso em: 8 mar. 2024.

RINALDI, C. A pedagogia da escuta: a perspectiva da escuta em Reggio Emilia. *In:* EDWARDS, C.; GANDINI, L.; FORMAN, G. (org.). *As cem linguagens da criança: A experiência de Reggio Emilia em transformação*. Porto Alegre: Penso, 2016.

Sobre as organizadoras

Etienne Baldez



Professora adjunta da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília (FE/UnB), atuando como docente no Programa de Pós-graduação em Educação (PPGE) e no Programa de Pós-graduação em Educação Modalidade Profissional (PPGEMP). Doutora em Educação pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). Coordenadora do Grupo de Estudos e Pesquisa sobre os Estudos Sociais da Infância (Gepesi). Integra o Grupo de Pesquisa em História e Historiografia da Educação da Universidade de Brasília (Gruphe). Realiza estudos de história da infância e história da educação infantil no Brasil. E-mail: etienne.baldez@unb.br

Monique Aparecida Voltarelli



Professora adjunta da Faculdade de Educação e do Programa de Pós-graduação em Educação Modalidade Profissional (PPGEMP) da Universidade de Brasília (FE/UnB). Membro do Grupo de Sociología de la Infancia y la Adolescencia (GSIA) e coordenadora do Grupo de Estudos e Pesquisa sobre os Estudos Sociais da Infância (Gepesi) da Universidade de Brasília. Doutora em Educação pela Universidade de São Paulo. Pós-doutorado sobre a participação infantil na América Latina pela Universidade de São Paulo (FEUSP) e em direitos das crianças pela Universidade de Ciências Aplicadas de Potsdam, Alemanha. Realiza estudos no campo dos estudos sociais da infância, pesquisando temas como participação infantil, direitos das crianças, educação infantil e infância na América Latina. Email: mvoltarelli@unb.br

Sobre os autores

Ademilson de Sousa Soares

Professor associado da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) na graduação e pós-graduação. Graduado em filosofia pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas), com doutorado em educação pela UFMG e pós-doutorado em pesquisas sobre políticas para a educação infantil na PUC Minas. E-mail: pacosoares@ufmg.br.

Aline Buy dos Santos

Mestre em educação pelo Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (ProPEd/UERJ) e professora do Centro de Referência em Educação Infantil Realengo do Colégio Pedro II (Creir/CPII). E-mail: alinebuy2@gmail.com.

Ana Paula Batista Pina dos Santos

Mestre em educação na linha de pesquisa Escola, Aprendizagem, Ação Pedagógica e Subjetividade na Educação da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília (FE/UnB). Graduada em pedagogia pela UnB e em administração pela Universidade Paulista (Unip). Especializada em psicopedagogia pela Universidade Católica de Brasília (UCB) e em orientação educacional e vocacional pela Faculdade do Distrito Federal (FACDF). É membro do Grupo de Pesquisa Sujeitos, Territórios e a Construção do Conhecimento. Atua como coordenadora pedagógica da educação infantil do Colégio Marista João Paulo II, no Distrito Federal. E-mail: anapaulabatistapina@gmail.com.

Andrea Braga Moruzzi

Docente de graduação em pedagogia e de pós-graduação em educação da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Líder do grupo de pesquisa Infâncias e Feminismos (Infemis). Pesquisa sobre infância, sociologia da infância, gênero e feminismos. E-mail: marcia.argenti@unesp.br.

Catarina Moro

Professora associada do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal do Paraná (UFPR) e pesquisadora do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Infância e Educação Infantil (Nepie). Atua como editora chefe da Educar em Revista (UFPR). É bacharel e licenciada em psicologia, especialista em educação infantil, mestre em psicologia da infância e da adolescência e doutora em educação pela UFPR. Atua principalmente nos seguintes temas: práticas educativas para/com a pequena infância, avaliação de contexto e políticas públicas em educação infantil. E-mail: moro.catarina@gmail.com.

Cristiano Rogério Alcântara

Graduado em pedagogia em gestão escolar pelo Centro Universitário de Santo André (2004) e em letras – português e literaturas de língua portuguesa pela Universidade de Franca (2014). Mestre em ciência da informação e documentação pela Universidade de São Paulo (2009). Doutor em língua portuguesa (2015) e pós-doutor em psicologia da educação pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (2022). E-mail: cralcantara@uol.com.br.

Danielle Atta

Mestre em educação pela Universidade de Brasília. Graduada em história e pedagogia e pós-graduada em políticas públicas, infância, juventude e diversidade e em educação infantil. Pedagoga e orientadora educacional na Secretaria de Educação do Distrito Federal. E-mail: danielleatta2@gmail.com.

Débora de Souza Santos

Professora da Secretaria de Educação do Distrito Federal. Mestre em educação na modalidade profissional pela Universidade de Brasília. Especialista em educação infantil na perspectiva histórico-cultural e graduada em pedagogia. E-mail: deborag7@hotmail.com.

Flávio Santiago

Pesquisador em nível de pós-doutorado na Universidade Federal de Juiz de Fora. Integrante do Grupo de Estudos e Pesquisa Sociologia da Infância e Educação Infantil (Gepsi/USP) e no Grupo de Pesquisas e Estudos em Geografia da Infância (Grupegi). E-mail: santiagoflavio2206@gmail.com.

Gabriela Barreto da Silva Scramingnon

Professora adjunta do departamento de didática da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (Unirio). Doutora em educação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC Rio, 2017). Mestre em educação pela Unirio (2011). Integrante do grupo de pesquisa Educação Infantil e Políticas Públicas (Eipp/Unirio). Integrante do grupo de pesquisa Infância, Formação e Cultura (Infoc/PUC Rio). E-mail: gabriela.scramingnon@unirio.br.

Gabriela Lotta

Professora e pesquisadora de administração pública e governo da Fundação Getulio Vargas (FGV). Doutora em ciência política pela Universidade de São Paulo (USP), mestra e graduada em administração pública pela FGV. Coordenadora do Núcleo de Estudos da Burocracia (NEB). Docente da Escola Nacional de Administração Pública (Enap). Pesquisadora do Centro de Estudos da Metrópole (CEM). Coordenadora da área temática Estado e Políticas Públicas da Associação Brasileira de Ciência Política (ABCP) e diretora da pesquisa da Associação Nacional de Ensino e Pesquisa do Campo de Públicas (Anep/CP). Email: gabriela.lotta@fgv.br.

Giane Lucelia Grotti

Doutora em educação pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). Mestre em educação pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Especialista em metodologia do ensino pré-escolar e fundamental pela Universidade Federal do Acre (Ufac). Pedagoga formada pelo Centro de Estudos Superiores de Londrina (Cesulon), atualmente Centro Universitário Filadélfia (Unifi). Coordenadora do curso de pós-graduação lato sensu em educação infantil e professora do Programa de Pós-graduação em Educação (PPGE) da Universidade Federal do Acre. Atua na área de políticas e currículo para infância, educação infantil e história do atendimento à infância. E-mail: giane.grotti@ufac.br.

Ingrid Dittrich Wiggers

Doutora em educação pela Universidade Federal de Santa Catarina. Professora titular da Universidade de Brasília. Atua no Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade de Brasília. Líder do Imagem – Grupo de Pesquisa sobre Corpo e Educação. E-mail: ingridwiggers@gmail.com.

Lara Batomarco Nobre

Graduada em pedagogia pela Faculdade de Educação da Universidade de Brasília (FE/UnB, 2023). Atualmente, é estudante de pós-graduação em psicopedagogia e neuroeducação, e

se especializa em psicanálise infantil na Associação Brasileira de Medicina Psicossomática (ABMP-DF). É membro do Grupo de Estudos e Pesquisa Sobre os Estudos Sociais da Infância (Gepesi). Atua como auxiliar do desenvolvimento infantil no Ministério da Saúde. E-mail: nobrelara@hotmail.com.

Laura Brisolara de Albuquerque

Pedagoga pela Universidade de Brasília (UnB), pós-graduanda em alfabetização e letramento pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR). Sua pesquisa no Pibic-UnB foi sobre os impactos da pandemia da covid-19 na educação infantil. E-mail: laurabrisolara@gmail.com.

Lígia Almeida Teixeira

Graduada em pedagogia pela Universidade de Brasília (UnB). Professora da Secretaria de Educação do Distrito Federal. Mestranda em educação na modalidade profissional (PPGE/UnB). E-mail: ligiateixeira11@gmail.com.

Lisandra Ogg Gomes

Professora associada da Faculdade de Educação e do Programa de Pós-graduação em Educação (Proped) da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (Uerj). Procientista na Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (Faperj) e na Uerj. Coordenadora do Grupo de Pesquisa Território dos Estudos da Infância. E-mail: lisandraogg@yahoo.com.br.

Lucas Ramos Martins

Doutor e mestre em educação pelo Programa de Pós-graduação em Educação: Conhecimento e Inclusão Social (PPGE) da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Graduado em pedagogia pela mesma instituição. Integra o Núcleo de Estudos e Pesquisas em Infância e Educação Infantil (Nepei/UFMG). Atua como professor no Departamento de Educação da Universidade do Estado de Minas Gerais (Uemg). E-mail: lucas.martins@uemg.br.

Marcia Cristina Argenti

Livre docente em estudos da infância na Universidade Estadual Paulista (Unesp), doutora e mestra em psicologia pela Universidade de São Paulo (USP) e pedagoga na Unesp. Pesquisadora e docente do Departamento de Psicologia da Educação da Faculdade de Ciências e Letras da Unesp. Coordenadora do Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Infância,

Família e Escolarização (Gepife). Docente no Programa de Pós-graduação em Educação Escolar (acadêmico) e no Programa de Pós-graduação em Educação Sexual (profissional) da Unesp. Desenvolve atividades nas áreas temáticas da infância, família e escolarização. E-mail: marcia.argenti@unesp.br.

Maria Alice Barbosa dos Santos

Graduanda em pedagogia na Universidade Federal Fluminense (UFF). Integrante do Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação, Infância, Bebês e Crianças (Gerar). Bolsista do Programa de Iniciação Científica da Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (Pibic/Faperj). E-mail: mariaalicebarbosadossantos@id.uff.br.

Maria Fernanda Rezende Nunes

Professora titular-livre em educação infantil do Departamento de Didática e do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (Unirio). Tem experiência na área de educação, com ênfase em educação infantil, atuando principalmente nos seguintes temas: política pública, formação, alfabetização e currículo. Participante do programa Cientista do Nosso Estado (CNE) da Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (Faperj, 2021). Coordena o grupo de pesquisa Educação Infantil e políticas públicas (Eipp). E-mail: maria.f.nunes@unirio.br.

Maria Lídia Bueno Fernandes

Geógrafa. Docente do curso de pedagogia e professora e pesquisadora no Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade de Brasília (UnB). Líder do Grupo de Pesquisa Sujeitos, Territórios e a Construção do Conhecimento (GPS). Integrante da Rede latino-americana de pesquisa e reflexão com crianças e jovens (Reir). Trabalha com temas relacionados à geografia da infância e da juventude. E-mail: lidia_f@uol.com.br.

Marina Pereira de Castro e Souza

Professora adjunta do Departamento de Formação de Professores, na área de educação infantil, na Faculdade de Educação da Baixada Fluminense da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Atualmente é vice coordenadora do grupo de pesquisa Educação Infantil e Políticas Públicas (Eipp), na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (Unirio). Pesquisa os seguintes temas: educação inclusiva, medicalização e estudos da deficiência. Integrante da Rede Nacional de Pesquisas em Saúde Mental de Crianças e Adolescentes (Rede Pq-SMCA). E-mail: mpcastros@yahoo.com.br.

Mayra Silva dos Santos

Doutoranda pelo Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Pós-graduanda em educação especial com ênfase em educação inclusiva pelo Instituto Federal de Minas Gerais (IFMG). Integrante e pesquisadora dos grupos de pesquisa Infâncias e Feminismos (Infemis) e Educação e Relações Étnico-Raciais, da UFSCar. Suas pesquisas estão relacionadas à formação e trabalho docente, raça e gênero. E-mail: mayra.silva9152@gmail.com.

Nazareth Salutto

Professora da Faculdade de Educação da Universidade Federal Fluminense. Coordenadora do Programa de Extensão Educação Infantil: infância, formação e sociedade. Coordenadora do Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação, Infância, Bebês e Crianças (Gerar). E-mail: nazarethssalutto@gmail.com.

Rafaelli Norberto Grégio

Graduada em pedagogia e mestre em educação pela Universidade Federal do Acre (Ufac). Já atuou como professora substituta da Ufac. Professora da educação infantil há 15 anos. E-mail: rafaelligregioac@gmail.com.

Rhaisa Naiade Pael Farias

Doutora em educação pela Universidade de Brasília (UnB). Participou do Programa de Doutorado Sanduíche no Exterior da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) na Queensland University of Technology. Tem pós-graduação lato sensu em docência na educação infantil e graduação em pedagogia com habilitação em educação infantil pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS). Atualmente é docente no curso de pedagogia na modalidade a distância do Centro Universitário de Brasília (UniCEUB) e professora substituta na UnB. E-mail: rhaisapael@yahoo.com.br.

Taís Aparecida de Moura

Docente efetiva do Departamento de Educação (Deduc) da Universidade do Estado de Minas Gerais (Uemg). Coordenadora do Grupo de Investigação de Infâncias e Linguagens (Giil/Uemg) e pesquisadora em nível de pós-doutorado em artes na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (Uerj), cuja pesquisa versa a respeito das visualidades e processos estéticos das salas de aula de alfabetização. E-mail:tais.moura@uemg.br.

Vanessa Medianeira da Silva Flôres

Pedagoga. Especialista em gestão educacional e docência na educação infantil. Mestra em educação pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Doutoranda em educação pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). Integrante e pesquisadora dos grupos de pesquisa Infâncias e Feminismo (Infemis), da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), e Núcleo de Estudos e Pesquisas em Infâncias e Educação Infantil, da UFPR. Suas pesquisas estão relacionadas a gênero e infâncias, educação infantil, práticas pedagógicas e relações étnico-raciais. Professora da Rede Municipal de Educação de Santa Maria, no Rio Grande do Sul. E-mail: vanessaf.educ@gmail.com.

Viviane Fernandes Faria Pinto

Doutora em educação, mestre em processos de desenvolvimento humano e saúde, especialista em desenvolvimento psicológico e inclusão escolar e graduada em pedagogia pela Universidade de Brasília (UnB). Foi assessora pedagógica em projetos de formação inicial de professores do Ministério da Educação (MEC), orientadora educacional da Secretaria de Educação do Distrito Federal e pesquisadora do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep). Atualmente é professora da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília. E-mail: viviane.educ@gmail.com.

A Editora UnB é filiada à

Associação Brasileira
das Editoras Universitárias

Este livro foi composto em UnB Pro e Liberation Serif.

EDUCAÇÃO INFANTIL EM DIÁLOGO

Pesquisas e olhares a partir dos estudos sociais da infância

Educação Infantil em diálogo: pesquisas e olhares a partir dos estudos sociais da infância é uma coletânea composta por textos de pesquisadoras e pesquisadores de diversas regiões do Brasil, que têm constituído o campo de estudos da infância, articulando uma teia científica preocupada com as crianças e a infância contemporânea. Parte dessa teia tem sido tecida no âmbito das pesquisas realizadas pelo Grupo de Estudos e Pesquisa sobre os Estudos Sociais da Infância (GEPESI/UnB), da Universidade de Brasília, e dos diálogos que o grupo têm travado com diferentes áreas do conhecimento humano e seus pesquisadores, tendo como eixo central também as crianças (sujeitos históricos, atores sociais, produtoras e participantes ativos na cultura) e a pluralidade da infância. Assim, o livro busca reunir contribuições teóricas e metodológicas que permitam pesquisadores, estudiosos e profissionais que atuam com a infância, em especial na educação delas, de forma a ampliar olhares, saberes e instigar novos "quereres" por assim dizer no trabalho com as crianças pequenas. Almejamos proporcionar ao leitor reflexões e provocações, por meio de um pensamento dialético e complexo, que questionem nossas práticas, que revejam nossas posturas, que nos inspirem na realização de nossas pesquisas e principalmente que nos permita abrir possibilidades para conhecer e nos relacionarmos de forma mais respeitosa e potente com as crianças.

EDITORA UnB

Pesquisa, Inovação & Ousadia